



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

**THIAGO FELIX DA SILVA**

**O DESLOCAMENTO ARQUETÍPICO DE SÍSIFO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”, DE JOSÉ SARAMAGO**

**GUARABIRA  
2023**

THIAGO FELIX DA SILVA

**O DESLOCAMENTO ARQUETÍPICO DE SÍSIFO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”, DE JOSÉ SARAMAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras/Português.

**Área de concentração:** Literatura

**Orientador:** Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa.

**GUARABIRA  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Thiago Felix da.  
O deslocamento arquetípico de sísifo em "As intermitências da morte", de José Saramago [manuscrito] / Thiago Felix da Silva. - 2023.  
19 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.  
"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "  
1. Arquetipo. 2. Mito deslocado. 3. Morte. 4. Mito. I. Título  
21. ed. CDD 028

THIAGO FELIX DA SILVA

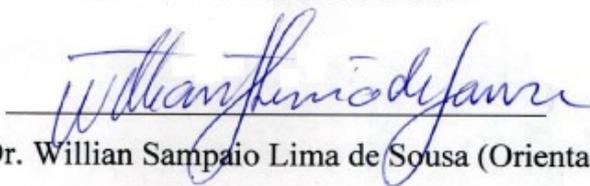
O DESLOCAMENTO ARQUETÍPICO DE SÍSIFO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”, DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado em Letras/Português.

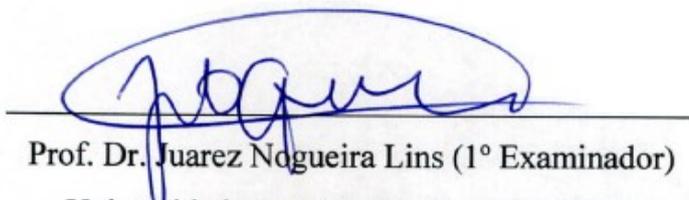
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 27/06/2023.

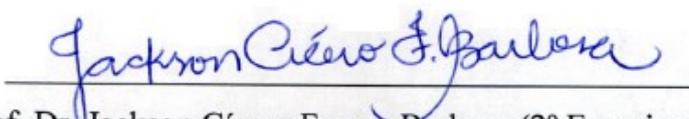
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (1º Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jackson Cícero França Barbosa (2º Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Como já alguém disse, tudo o que possa suceder, sucederá, é uma mera questão de tempo, e se não chegamos a vê-lo enquanto por cá andávamos, terá sido só porque não tínhamos vivido o suficiente.”  
(As intermitências da morte, José Saramago)

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O ROMANCE</b>	
	<b>SARAMAGUANO: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE.....</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>DISCUSSÃO TEÓRICA.....</b>	<b>10</b>
<b>3.1</b>	<b>Arquétipos literários.....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>O MITO SISÍFICO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE” .....</b>	<b>12</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## O DESLOCAMENTO ARQUETÍPICO DE SÍSIFO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”, DE JOSÉ SARAMAGO

Thiago Felix da Silva\*

### RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar a obra *As intermitências da morte*, de José Saramago, partindo do método analítico-comparativo, sob a ótica da teoria dos arquétipos literários estabelecidos por FRYE (1973), demonstrando a relação arquetípica com o mito grego de Sísifo, através de elementos simbólicos presentes em ambos os enredos. A natureza dessa pesquisa é de cunho bibliográfico e sua abordagem é qualitativa. Ao fazer a leitura da obra e da bibliografia crítica, constatamos uma carência analítica sobre as referências ao mito grego, explícitas e implícitas no romance de Saramago. Dentre essas referências entre os enredos, podemos citar: a ausência da morte por um período de tempo; a personificação da morte; a existência de um personagem que consegue livrar-se da sentença de morte e o uso de uma arma que inibe a ação da morte. A proposta desta análise encontra fundamentação teórica nos conceitos estabelecidos por Northrop Frye (1973), em *Anatomia da Crítica*, além do suporte teórico de outros analistas.

**Palavras-Chave:** arquétipo; mito deslocado; morte; mito.

### ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the novel *As intermitências da morte*, by José Saramago, starting from the analytical-comparative method, from the perspective of the theory of literary archetypes inspired by FRYE (1973), demonstrating the archetypal relationship with the Greek myth of Sisyphus, through of symbolic elements present in both plots. The nature of this research is bibliographical and its approach is qualitative. While reading the novel and the critical bibliography, we found an analytical lack of references towards the Greek myth, explicit and implicit in Saramago's novel. Among the possible references between the plots, we can mention: the absence of death for a period of time; a personification of death; the existence of a character who manages to get rid of the death sentence and the use of a weapon that inhibits the death action. The purpose of this analysis is theoretically based on the concepts reached by Northrop Frye (1973), in *Anatomy of Criticism*, in addition to the theoretical support of other analysts.

**Keywords:** Archetype; Displaced Myth; Death; Myth.

---

\* Este artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Plena em Letras Português, pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: [thfelix25@gmail.com](mailto:thfelix25@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

*As intermitências da morte* (2005), obra do escritor português José Saramago, apresenta elementos suficientes para traçarmos um paralelo com o mito de Sísifo. Contudo, por estarmos falando de um “mito deslocado<sup>1</sup>”, podemos também apontar as distinções entre ambos, já que a literatura existe sob um determinado continuum, no qual as obras literárias do passado influenciam até hoje a produção de novos textos, numa relação quase antropofágica, fazendo surgir o novo sob um modelo antigo, outras roupagens etc. Este processo enriquece a literatura fazendo-a adquirir cada vez mais sentidos, conforme afirma Leyla Perrone-Moisés (1990, p.94) ao pontuar que: “a literatura nasce da literatura”; ou seja, cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea”.

Portanto, essa pesquisa propõe uma análise comparativa entre o mito de Sísifo e o livro *As intermitências da morte* de José Saramago, publicado em 2005. No referido romance, ocorre que num país fictício, no primeiro dia de um ano indeterminado, as pessoas param de morrer. Primeiramente, este fato é visto como positivo, mas, com o passar do tempo, desponta como algo muito problemático. No entanto, algum tempo depois, a morte retorna e envia uma carta ao maior editorial do país, o teor da mensagem é: *a partir daquele momento as pessoas passarão a receber uma carta de aviso prévio antes de morrer*, o que mais uma vez causa um grande alvoroço, e marca o início de eventos importantes naquele lugar. No mito de Sísifo, temos um homem que é sentenciado a morte pelos deuses, mas consegue aprisionar o deus da morte, Tânatos, e, por um período, as pessoas deixam de morrer até que por intervenção de Zeus, o deus da morte é liberto. Sísifo é castigado e tudo volta ao normal.

Neste estudo, pretendemos realizar uma análise do livro *As intermitências da morte*, precisamente o evento referente a ausência de mortes no país retratado na obra, visando demonstrar que existem diversos elementos que a conecta ao mito de Sísifo. Entretanto, destacamos que partiremos de elementos que dialogam entre os textos e exploraremos os traços de semelhança entre os mesmos.

Como percebido, em ambas os textos, de longe, já demonstram elementos que conectam as duas narrativas, dos quais podemos citar a personificação da morte, ausência da mesma para determinados personagens e utilização de uma arma capaz de inibir a ação da dessa personagem. Assim, a partir da escolha do *corpus* e do método analítico-comparativo, alicerçamos nossa pesquisa nas contribuições de Frye (1973), basicamente o seu livro: *Anatomia da crítica*, além de outros trabalhos e autores cujos pressupostos teórico-metodológicos contribuirão para nortear nossa pesquisa, conforme os objetivos delimitados neste estudo.

Após ler o romance Saramaguiano e buscar alguns esclarecimentos sobre estudos comparativos entre o mito de Sísifo e o romance em análise, evidenciamos que não há qualquer estudo que relacione os dois textos ficcionais. Portanto, se faz necessário criar uma proposta analítica capaz de preencher essa lacuna, aproximando esses dois enredos. Para tanto, selecionamos como categoria analítica o viés arquetípico, pois entendemos que seja viável perscrutar o romance de Saramago e evidenciar uma relação simbólica com o mito grego.

---

<sup>1</sup> Narrativa posterior que se conecta a uma narrativa anterior, no caso da literatura ocidental, geralmente conecta-se aos mitos gregos ou bíblicos.

Nessa perspectiva, adotamos como fundamentação teórica o livro *Anatomia da Crítica* de Northrop Frye (1973) que defende e sinaliza para uma abordagem dos “arquetipos<sup>2</sup> literários”, ou seja, dentro da perspectiva da literatura, além de apresentar métodos de identificação desses arquetipos através de um processo que o autor chama de “deslocação<sup>3</sup>”. Em *Mito deslocado: o arquetipo de Sodoma e Gomorra nas páginas de O Ateneu* de Willian Lima de Sousa (2018), temos uma leitura crítica da teoria de Frye e a aplicação do conceito de “mito deslocado” em um romance brasileiro do século XIX. O verbete “Arquetipo” concebido por Régis Boyer (1998) e contido no *Dicionário de Mitos Literários*, de Pierre Brunel (1998) também será uma ferramenta significativa na realização desse estudo arquetípico.

A natureza dessa pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo fundamentada apenas em textos, todos devidamente lidos, fichados e analisados para o desenvolvimento desse estudo comparativo, e sua abordagem é qualitativa uma vez que seus resultados são interpretativos. Desse modo, a mesma está dividida em três partes, começando com o mapeamento do tema e sua abordagem no mito e no romance em questão; depois passamos para a discussão teórica sobre a literatura comparada aplicada nesta pesquisa, por fim, focamos na análise crítica da obra a partir da perspectiva adotada.

## 2 LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O ROMANCE SARAMAGUIANO: AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE

José Saramago (1922-2010) foi um dos mais memoráveis escritores portugueses, tendo recebido vários prêmios por suas obras literárias, destacando-se entre eles, o Prêmio Nobel de literatura. Vale ressaltar que, até o momento da escrita deste trabalho, José Saramago é o único escritor de língua portuguesa a vencer um Nobel de Literatura. As principais obras de Saramago são: *Terra do pecado* (1947), sendo esta sua primeira obra; *Manual de pintura e caligrafia* (1977); *Levantado do chão* (1980); *Memorial do convento* (1982); *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984); *A jangada de Pedra* (1986); *História do cerco de Lisboa* (1989); *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), sendo essa a sua obra mais polemica que lhe rendeu sanções e perseguições por parte do governo português da época; *Ensaio sobre a cegueira* (1995); *Todos os nomes* (1997); *A caverna* (2000); *O homem duplicado* (2002); *As intermitências da morte* (2005); *Caim* (2009); além dessas, o escritor português publicou muitas outras obras de diferentes gêneros como romances, ensaios, crônicas, contos, poesias etc.

Entre essas obras publicadas por Saramago destacamos o romance *“As intermitências da morte”* que é uma das mais aclamadas pela crítica, por ter uma abordagem reflexiva acerca da condição humana em sociedade, suas angústias, sua relação com a morte, além de trazer elementos críticos acerca da organização social contemporânea. O livro é “considerado por alguns críticos como tendo um tom mais seco na narrativa, ou ainda sendo-lhe apontada uma certa acidez na formatação do narrador, que é direto, irônico, e muitas vezes debochado” (CONRADO, 2011, p. 202).

<sup>2</sup> Símbolo, usualmente imagem, que retorna com muita frequência em literatura para ser reconhecível como elemento da experiência literária global de alguém. (FRYE, 1973, p. 359)

<sup>3</sup> Adaptação do mito e da metáfora aos cânones da moralidade ou da plausibilidade. (FRYE, 1973, p. 359)

“No dia seguinte ninguém morreu” (SARAMAGO, 2005, 11, 207). Essa é a frase que inicia *As intermitências da morte*, de José Saramago e, convenhamos, que é um jeito bem impactante de iniciar um livro, pois o narrador descreve um acontecimento característico de conclusão para só depois vir o conflito. Essa técnica irá despertar no leitor um ânimo diferenciado e o interesse em continuar lendo para entender o que acontece no desenvolvimento da trama. A partir desse momento, começamos a desvendar o mistério da frase inicial, pois a obra retrata um país fictício, sem nome, com personagens também não nomeados e que podemos identificar apenas por suas profissões, cargos ou funções sociais.

Neste país fictício saramaguiano, inesperadamente, as pessoas pararam de morrer, acontece uma sucessão de eventos surpreendentes por todo o país, pois inicialmente há alegria e comemorações. O narrador afirma: “não tiveram os periódicos reticentes ou problemáticos outra solução, e com eles as televisões e as rádios afins, que unir-se à maré alta de alegria colectiva que alastrava de norte a sul e de leste a oeste, refrescando as mentes temerosas e arrastando para longe da vista a longa sombra de tãatos” (SARAMAGO, 2005, 24). Com o passar do tempo, as consequências negativas da ausência da morte começam a ser percebidas. Ora, as pessoas não pararam de envelhecer, de adoecer ou de se machucarem e mesmo quando são gravemente feridas continuam vivas, porém, sem recuperarem a saúde. Além disso, diversas organizações institucionais que dependiam da morte para existirem começam a colapsar. Essa parte da obra, leva-nos a refletir sobre a função sociológica e filosófica da morte na história humana, como aponta Iris Selene Conrado:

Tem-se a apresentação da ideia-chave de *As intermitências da morte*: a reflexão sobre a vida e a morte humana. Certamente, a força principal da obra está nas reflexões que suscita sobre essa temática e, essencialmente, sobre os sentimentos e vivência humana quanto à questão da mortalidade, que é universal e certa. (CONRADO, 2011, p. 203).

Na segunda parte da obra, as pessoas voltam a morrer, mas antes que isso aconteça, o diretor geral da televisão nacional recebe uma carta assinada pela morte, em que a mesma exige a divulgação do conteúdo em rede nacional, informando que, a partir daquele momento, as pessoas voltarão a morrer normalmente, mas passarão a receber uma carta de cor violeta com aviso prévio de oito dias para que tenham tempo de despedirem-se de seus entes e resolverem suas pendências. Na mesma carta enviada ao diretor geral, a morte explica os motivos que a levaram a cessar suas atividades por algum tempo:

[...] devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre [...] (SARAMAGO, 2005, p. 99).

Esse acontecimento provoca, mais uma vez, comoção naquele país e as pessoas que estavam insatisfeitas com a ausência da morte, agora revoltam-se com o seu retorno e a mesma torna-se alvo de muitas críticas. Até então, a morte era simbólica e uma condição inerente a todos os seres vivos, mas a partir dessa parte da obra ela passa por um processo de personificação, materializando-se e tornando-se uma personagem palpável que vai, aos poucos sendo humanizada, sendo possível até sentir certa empatia por ela, como pontua Mariana Grigol e Sabine Weber, ao pontuar:

José Saramago apresenta a morte no enredo de “As intermitências da morte” sob diferentes perspectivas, trazendo uma visão da morte mais humana, sob um viés que foge aos padrões da frieza e crueldade da qual habitualmente encontrados nas referências a ela – a figura macabra encoberta por um manto negro, a caveira, a velha amarga e indiferente às dores humanas. Nessa personificação, para chegar à mulher morte, a personagem transforma-se lentamente, partindo de um remetente da carta, transmutando-se da velha caveira enrolada em lençóis, em estágios de corporificação. (GRIGOL e WEBER 2021, p. 8 - 9).

Para facilitar nossa análise, dividimos a obra “As intermitências da morte” em três partes, sendo: a primeira parte, quando as pessoas param de morrer; a segunda parte, quando as pessoas voltam a morrer e a terceira parte, quando a morte é personificada e passa a interagir diretamente com os moradores daquele país.

Dando continuidade a esta pesquisa, selecionamos o mito de Sísifo que trata de um personagem da mitologia grega, mais conhecido por sua astúcia e por livrar-se da morte por duas vezes, assim contrariando os desígnios dos deuses. O temperamento astucioso de Sísifo lhe custou um grande pesar, após sua morte, recebeu como punição uma das penas mais cruéis entre os personagens mitológicos, Sísifo deveria empurrar uma pedra até o topo de um penhasco, mas quando ele se aproximava do destino, a pedra rolava e mais uma vez ele recomeçava o trajeto, assim, por toda a eternidade, conforme descrito por Homero:

Vi, também, Sísifo, e o modo porque ele, com pena indizível, com as mãos ambas tentava arrastar uma pedra enormíssima. Firma os dois pés no chão duro, com ambas as mãos esforçando-se para levar para cima do penedo; mas quando pensava que já vencera o alto monte, com força outra vez retornava. Dessa maneira, até o plano, rolava o penhasco impudente. Ele de novo a empurrá-lo começa, suor escorrendo-lhe dos membros todos, enquanto a cabeça de poeira se cobre. (HOMERO 2015, p. 134).

Sobre essa punição, Camus (2019) afirma que, “Se dermos crédito a Homero, Sísifo era o mais sábio e prudente dos mortais. Mas, segundo uma outra tradição, ele tendia para o ofício de bandido. Não vejo contradição nisso. As opiniões diferem sobre os motivos que o levaram a ser o trabalhador inútil dos infernos”. Esse entendimento é reforçado por Willian Lima de Sousa:

[...] o castigo lhe sobrevém por força divina. O que faz com que ele pague tal preço não é somente uma ação isolada de rebeldia. Mas uma vida repleta de comportamentos considerados repreensíveis pelos deuses, como sendo de franca rebelião contra eles. (SOUSA 2009, p. 123).

Segundo a mitologia grega, Sísifo presenciou o rapto de Egina por Zeus e o delatou ao pai da jovem, o Deus dos rios, Asopo, em troca da criação de uma fonte na cidade de Corinto, onde reinava. Após Zeus ser descoberto enviou Tânatos, o deus da morte para tirar a vida de seu delator, no entanto, Sísifo foi mais ardiloso, conseguiu enganar o enviado e o prendeu com correntes especiais, safando-se assim, da morte certa. Sísifo ainda conseguiria enganar os deuses outras vezes e livrando-se das investidas da morte por duas vezes. Segundo os relatos sobre esse personagem, entendemos que Sísifo teve uma vida longa, contrariando os desígnios dos deuses o que culminou em uma punição eterna.

Após a leitura de *As intermitências da morte*, de José Saramago, vislumbramos a realização de um estudo arquetípico dessa obra, pois percebemos que há alguns elos que se conectam ao mito grego de Sísifo, no entanto, como informado an-

teriormente, não encontramos estudos arquetípicos que contemplem esse romance português pela perspectiva dos arquétipos literários.

### 3 DISCUSSÃO TEÓRICA

#### 3.1 Arquétipos literários

Literatura é linguagem carregada de significado. (POUND, 2006, p. 32).

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar que o romance *As intermitências da morte*, de José Saramago pode relacionar-se com o mito de Sísifo por meio de uma leitura arquetípica. Para isso, tomamos como base o modelo teórico de Northrop Frye (1973), em *Anatomia da Crítica*. Nessa obra, o autor propõe uma abordagem sobre os arquétipos literários em que as obras são parte de um sistema organizado em padrões estéticos e simbólicos que remetem a experiência global do indivíduo e materializa-se através de suas produções literárias, ao mesmo tempo ele aponta métodos de identificação dessas formas arquetípicas presentes na literatura. Além das contribuições de Frye, usaremos outros suportes teóricos para facilitar nossa compreensão em relação a análise do *corpus*.

Northrop Frey foi um importante crítico literário canadense e sua obra mais importante é *Anatomia da crítica* que foi publicado pela primeira vez em 1957. No Brasil, esta obra foi publicada pela primeira vez em 1973, pela editora *Cultrix*, e, em 2014, uma nova tradução foi disponibilizada pela editora *Realizações*. A obra está dividida em quatro partes, sendo que, o autor denominou cada uma pelo título de *ensaio*. Mas, se considerarmos a introdução polêmica, algo fundamental para compreender a intenção do autor, podemos entendê-la como um outro ensaio, logo, a obra estaria dividida em cinco partes. Nos ensaios, o autor pretende formular uma visão geral sinótica a respeito dos arquétipos literários sugerindo um conjunto de conceitos e orientações a respeito desse modelo analítico.

A literatura comparada é o ramo da literatura que estuda a relação existente entre uma ou mais obras literárias, investigando os aspectos culturais, históricos ou sociais que podem ter influenciado os escritores e marcado suas produções literárias. No entanto, esse ramo de estudo não explora apenas as similaridades identificáveis nos textos, mas também as diferenças, especialmente as que explicitam as marcas de cada autor, como observa Perrone-Moisés:

Comparar é sempre ver semelhanças e diferenças. O que se pode propor, agora, como transformação dos objetivos da literatura comparada é uma mudança na ênfase que se pode dar ou às semelhanças ou as diferenças. (PERRONE-MOISES, 1990, p. 96).

Desta forma, a categoria dos estudos comparados possibilita diferentes linhas investigativas, a depender da abordagem adotada pelo pesquisador. Nessa perspectiva, os comparatistas entendem que o processo de escrita é o resultado da experiência literária anterior do indivíduo. A respeito desse processo de absorção e réplica observada nas produções textuais, Julia Kristeva cunhou o termo “intertextualidade” ao pontuar que:

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a intertextualidade, e a linguagem poética lê-se pelo menos como dupla. (KRISTEVA, 2005, p. 68).

Dentre as diversas abordagens analíticas da literatura comparada encontramos a categoria dos arquétipos literários, que são modelos simbólicos que geralmente conectam-se a mitos, religiões, a natureza e diversos tipos de tradições coletivas, como a figura do primeiro homem que sempre vai nos remeter a imagem arquetípica de Adão. Assim, Frye (1973) define o arquétipo como: “Símbolo, usualmente imagem, que retorna com muita frequência em literatura para ser reconhecível como elemento da experiência global de alguém”. Essa definição também é defendida por Sousa (2009) que pontua: “Arquétipo é quem ou aquilo que tem as características do primeiro modelo, ou seja, primitivo, de forma primitiva”.

Na mitologia bíblica a morte veio ao mundo através da ação de Eva que, convencida pela Serpente comeu do fruto da árvore do conhecimento e a deu a Adão, trazendo a mortalidade a toda a humanidade. Sobre esse acontecimento bíblico, Boyer (1997) afirma que: “Eva está presente por trás de toda Mulher por definição fatal”. Desta forma, fica evidente que os arquétipos são fontes primárias que se manifestam de forma material nas produções artísticas e literárias, seja de forma implícita, seja de forma explícita. Assim, esses arquétipos podem ser identificados pelo leitor crítico em praticamente todas as produções literárias como aponta Sousa:

Na literatura, qualquer material pode ser tomado como ponto de partida ou referência simbólica dentro da obra. O maniqueísmo é dissolvido e Hitler ou Jesus podem ser recuperados como imagens-mãe, pois estão elencados como símbolos de reconhecimento e de valor atemporal. (SOUSA, 2009, p. 86).

Nesse contexto, Boyer (1997) afirma que “Há sempre por trás os caprichos de um acontecimento, tal como nos mostra a atualidade, um ponto de referência possível, aquém ou além, um caso de ótica ou de saber que provoca no caso, o arquétipo”. Contudo o próprio autor critica o fato de banalizar o relacionamento de imagens arquetípicas sem o devido critério analítico e aprofundamento sobre os significados do texto. Nesse sentido, Frye (1973) sugere que se faça uma leitura crítica, aprofundada, mas que vez ou outra, temos que recuar como se estivéssemos contemplando uma pintura e ler os acontecimentos do texto de maneira mais ampliada, como se estivéssemos dando um zoom reverso na narrativa apresentada, “enquanto mais recuamos, mais conscientes ficamos do desenho configurador. [...] para ver sua organização arquetípica” (FRYE, 1973, p. 142).

Na construção do entendimento referente aos possíveis diálogos em obras literárias, Northrop Frye (1973) defende que a literatura contemporânea comunica-se frequentemente com o passado através da apropriação de símbolos<sup>4</sup> cuja importância perpassa as barreiras da temporalidade. O autor também busca evidenciar que a literatura ocidental sofre forte influência da mitologia grega e bíblica, onde as figuras simbólicas encontram-se através de um *deslocamento* narrativo com significados diversos àqueles conhecidos em sua forma primitiva.

---

<sup>4</sup> Qualquer unidade de qualquer obra literária que possa ser isolada para a atenção crítica. No uso geral, restringe-se às unidades menores, como as palavras, frases, imagens etc. (FRYE, 1973, p. 362)

Dessa forma, o autor entende e nomeia duas instâncias concernentes aos estudos arquetípicos: 1) o mito que serve como fonte inspiradora para a criação de outra narrativa denomina-se de “*mito não deslocado*”, 2) enquanto a narrativa posterior que se conecta ao mito recebe o nome de “*mito deslocado*”. O autor descreve como se estrutura o mito deslocado:

Lendo adiante na história, portanto, podemos pensar em nossos modos romanescos, (...) como numa série de mitos deslocados, mythoi ou formulas de enredo que se movem progressivamente rumo ao polo oposto da verossimilhança, e então, com a ironia, começam a retroceder (FRYE, 1973, p. 57).

Nesse contexto, a ocorrência de aproximações da *narrativa deslocada* com a *narrativa não deslocada* possibilita a observação dedutiva e analítica dos paralelos arquetípicos mitológicos. Segundo Sousa (2018, p. 68), “a expressividade do termo *mito deslocado* merece uma ponderação etimológica e semântica. O termo *mythos* provém do grego e tem como um de seus significados o conceito de narrativa. Esta é a semântica almejada por Frye”. Entretanto, o autor adverte que é preciso ter o cuidado de não atribuir outros significados a esse termo, o mito, e devemos entendê-lo como uma *narrativa deslocada* que parte de um núcleo *não deslocado* e será revestido de outros significados.

Após a evidenciação dos conceitos estabelecido por Northrop Frye em sua obra *Anatomia da crítica*, somados a outros estudos que darão apoio a nossa pesquisa, pretendemos demonstrar que o romance *As intermitências da morte* (mito deslocado), de José Saramago se relaciona, por meio de menções, ao *mito de Sísifo* (mito não deslocado). Dessa forma, partimos para o momento analítico do *corpus*.

#### 4 O MITO SISÍFICO EM “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”

*As intermitências da morte* é uma das obras mais célebres do escritor português José Saramago, tendo sua publicação no ano de 2005, como já mencionamos anteriormente. A obra gira em torno da morte e em como a humanidade relaciona-se com ela, afinal, o próprio título *As intermitências da morte* que significa, os intervalos, ou as pausas da morte, já deixa óbvio a temática do livro. No entanto, a morte retratada no livro não é apenas a que conhecemos como um fenômeno natural e inerente a todas as criaturas vivas, mas também como uma personagem antropomórfica, semelhante a que costuma ser descrita em diversas mitologias, em que a morte é retratada como um deus que ceifa a vida dos condenados, como uma moira que rege o destino ou simplesmente como uma figura esquelética armada com uma foice e que vem buscar a alma dos mortais.

O livro também provoca no leitor, uma reflexão sobre a morte como instituição útil e indispensável para a manutenção da humanidade e do planeta terra, seja na questão do controle populacional, seja acerca do merecido descanso daqueles que já cumpriram seu papel enquanto seres vivos, ou mesmo sobre os diversos setores da sociedade que usam a morte como fonte de renda, alimentando uma grande quantidade de organizações que não existiriam se as pessoas vivessem eternamente, a exemplo dos lares para idosos, dos hospitais, das funerárias, da igreja que, como apresentado na obra, não existiria sem o medo que as pessoas sentem de morrer e a esperança que depositam na ressurreição. Até mesmo a filosofia perderia um importante elemento de reflexão sem o indispensável trabalho da morte.

Ao realizarmos a leitura do romance em análise, conseguimos verificar a presença de elementos “óbvios” e outros nem tanto que remetem ao mito de Sísifo. Com base no modelo teórico de Nortrop Frye, em *Anatomia da crítica* e a sua caracterização do arquétipo literário, entendemos que a mito grego de Sísifo, uma imagem-mãe, está vinculada ao romance português. Mas, antes de prosseguirmos, precisamos ressaltar que um arquétipo não é uma cópia, logo a narrativa do *mito deslocado* tem sua própria organização e nem sempre segue uma ordem linear semelhante ao *mito não deslocado*.

O início de *As intermitências da morte* acontece de forma bastante peculiar, pois rompe com uma das tradições literárias na qual a maior parte das obras tem seu enredo evoluído de maneira gradual, seguindo uma organização estrutural bastante lógica e linear com introdução, desenvolvimento e conclusão. No caso da obra de Saramago, não temos uma organização tão lógica, pelo contrário, a obra já inicia com uma frase de efeito que diz: “no dia seguinte ninguém morreu” (SARAMAGO, 2005, p. 11). Essa afirmação pode causar ao leitor um misto de inquietação e curiosidade, pois provoca o desejo de conhecer o motivo desse desfecho, além de frustrar as expectativas de quem esperava um início tradicionalmente horizontal, como veremos.

No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurno e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado até o fim, nada de nada, pela palavra nada. [...] A passagem do ano não tinha deixado atrás de si o habitual e calamitoso regueiro de óbitos, como se a velha átropos da dentuça arreganhada tivesse resolvido embainhar a tesoura por um dia. Sangue, porém, houve-o e não pouco. (SARAMAGO, 2005, p. 11).

Esse acontecimento fantástico é retratado no início da obra em análise, sendo que nesse ponto já temos o primeiro evento no qual podemos identificar uma aproximação arquetípica ao mito de Sísifo. Conforme o relato mitológico, Zeus raptou Egina, filha do deus dos rios Asopo, mas Sísifo presenciou o ocorrido e fez um acordo com Asopo no qual revelaria o nome do raptor em troca de uma nascente na cidade de Corinto, onde Sísifo reinava. Após Zeus descobrir que Sísifo o havia delatado, o sentenciou a morte e enviou o Deus Tânatos para matá-lo, porém, o rei de Corinto, sendo muito astuto, conseguiu enganar o Deus da morte e prendê-lo por um tempo. Durante o tempo em que Tânatos esteve preso, ninguém morreu e muitos problemas aconteceram para a humanidade e para os Deuses, especialmente Hades, que percebendo que não estava chegando almas para o seu reino queixou-se a Zeus que partiu para libertar tânatos e restaurar a mortalidade aos seres vivos.

Se realizarmos uma leitura do romance de Saramago (2005), sem o devido conhecimento teórico que possibilite uma observação crítica dos aspectos que aproximam o romance ao mito não deslocado, talvez não seja possível identificar imediatamente o arquétipo do mito grego no romance em questão, pois o mito descreve um evento provocado através da interação e desentendimento entre alguns dos deuses mais importantes da mitologia grega que voltam-se contra um mortal que se destacava em relação aos demais devido a sua origem nobre, astúcia e rebeldia. Conce-

bido de forma diferente, no romance de Saramago, temos uma ocorrência abrupta, ou seja, um fenômeno inesperado e insólito, não há uma explicação clara sobre o evento em questão, sem o envolvimento de personagens divinos, em um país fictício e sem nome, com personagens que também não são nomeados, ao mesmo tempo em que a linha temporal que determina a caracterização das duas sociedades está muito distante. No entanto, se realizarmos uma leitura retroativa, conforme os pressupostos teóricos de Frye (1973), temos um traço de semelhança entre as tramas, ou seja, nenhum humano morre, entretanto, como pontuado acima, as diferenças devem ser ressaltadas.

Narrativa	Semelhanças	Diferenças
<b>Mito de Sísifo</b>	Ausência da morte	1 – A ausência da morte é causada pela astúcia de um personagem; 2 – Há uma interferência divina na vida dos personagens; 3 – A morte volta a atuar mediante uma interferência divina e explicada.
<b>As Intermittências da morte</b>	Ausência da morte	1 – A ausência da morte é algo insólito; 2 – Os personagens são/estão desprovidos de qualquer relação divina; 3 – A morte volta a atuar sem qualquer interferência divina, contudo, temos um elemento insólito, pois a “morte” se apresenta como um ser corporificado

Como vimos antes, *As intermittências da morte* se inicia narrando um acontecimento insólito, característico de desfecho e só depois apresenta o conflito. Em seguida, são descritos diversos problemas relacionados ao fato de as pessoas não estarem morrendo, como por exemplo: a preocupação do governo com a manutenção dos serviços públicos de saúde e assistenciais; a preocupação das funerárias com a falta de sua principal “matéria prima” (os mortos); além da preocupação da igreja que temia a falta de mortes, pois isso consequentemente libertaria as pessoas das amarras dogmáticas que as prendia a essa instituição. Esses conflitos ocupam cerca de metade do romance em análise, até que, na segunda parte, depois de um tempo sem mortes, as pessoas têm sua mortalidade reinstituída, fato esse semelhante ao que ocorreu no mito grego quando Tânatos foi liberto das amarras impostas por Sísifo.

No romance, a morte, em sua forma corpórea, envia uma carta ao diretor do telejornal de maior audiência daquele país, a epístola estava assinada pela “morte” e, em seu conteúdo, havia a exigência de que o informe fosse lido em rede nacional, cuja mensagem era: a partir do dia seguinte, as pessoas voltariam a morrer normalmente, mas antes, cada indivíduo sentenciado receberia uma carta de cor violeta comunicando-lhe que teria uma semana para que pudesse despedir-se de seus en-

tes e preparar-se para o fim de suas vidas. Vejamos o comunicado anunciado no telejornal.

[...] venho informar de que a partir da meia-noite de hoje se voltará a morrer tal como sucedia, sem protestos notórios, desde o princípio dos tempos e até ao dia trinta e um de dezembro do ano passado, devo explicar que a intenção que me levou a interromper a minha actividade, a parar de matar, a embainhar a emblemática gadanha que imaginativos pintores e gravadores doutro tempo me puseram na mão, foi oferecer a esses seres humanos que tanto me detestam uma pequena amostra do que para eles seria viver sempre. [...] enfim, a partir de agora toda a gente passará a ser prevenida por igual e terá um prazo de uma semana para pôr em ordem o que ainda lhes resta. (SARAMAGO, 2005, p. 99-100).

Esse acontecimento marca uma mudança na forma como a morte é retratada dentro da obra, pois a mesma deixa de ser simbólica e passa a ser uma personagem física com seus próprios conflitos, e, se antes acompanhávamos a forma como as pessoas lidam com a morte, a partir desse acontecimento, passamos a acompanhar a forma como a morte lida com as pessoas. Nesse contexto, o narrador onisciente vai aos poucos revelando a rotina dessa personagem e a forma como ela se sente injustiçada, precisamente com as críticas e o ódio que recebe dos seres humanos, sendo que a própria vai rebatendo-as ao longo do enredo, enquanto vamos acompanhando seus frequentes diálogos com a gadanha que, na maioria das vezes, não responde aos desabafos de sua companheira, fazendo parecer mais um monólogo que um diálogo. Dessa forma, o texto segue relatando a dedicação da morte no cumprimento de seu ofício e isso fica evidente quando é descrito a forma como ela organiza seus arquivos, escreve as cartas e as distribui aos seus destinatários, de forma mágica com um estalar de dedos. É nesse momento que o texto revela o conteúdo das temidas cartas de cor violeta que era o seguinte:

Cara senhora, lamento comunicar-lhe que sua vida terminará no prazo irrevogável e improrrogável de uma semana, desejo-lhe que aproveite o melhor que puder o tempo que lhe resta, sua atenta servidora, morte (SARAMAGO, 2005, p. 139).

Enquanto o enredo do romance retrata a rotina da morte, é relatado que uma de suas cartas está retornando ao remetente sem ser lida pelo destinatário. Atônita e sem entender como isso é possível, ela decide investigar o que está acontecendo e quem está conseguindo burlar seu sistema, até então infalível. Nesse ponto da obra, temos outro evento simbólico que aproxima o romance ao mito em análise; pois, no mito, temos a figura de Sísifo, um homem que consegue livrar-se da morte por duas vezes, enquanto no romance temos a figura desse outro homem que também consegue evitar sua sentença de morte. Dessa forma, é possível relacionar o *mito não deslocado* ao *mito deslocado* através da associação de símbolos que podem ser analisados isoladamente no cerne da obra literária. Essas conexões existentes entre uma obra literária e uma estrutura mítica é nomeada por Frye (1973) como “deslocação”.

O princípio fundamental da deslocação é este: o que pode ser identificado metaforicamente num mito pode apenas ser vinculado, na estória romanesca, por alguma forma de símile: analogia, associação significativa, imagem incidental agregada, e semelhantes. No mito podemos ter um deus-sol ou um deus-árvore; numa estória romanesca, uma pessoa significativamente associada com o sol ou árvores. (FRYE, 1973, p. 139)

Essas informações são de grande importância na abordagem arquetípica proposta nessa pesquisa, pois essa metodologia facilita a identificação de elementos isolados que nos permite relacionar à obra *As intermitências da morte* com o mito de Sísifo, através da associação de símbolos. Com base nessas constatações, podemos afirmar que no evento descrito no parágrafo anterior, acerca do romance em análise, existe uma “deslocação” dos enredos que possibilita a aproximação de dois personagens centrais em ambas as narrativas, caracterizando um arquétipo literário. Contudo respeitando as devidas diferenças.

Nesse contexto, o romance de Saramago descreve que a personagem “morte” fica confusa ao perceber que alguém conseguiu evitar por três vezes ser notificado por suas cartas de cor violeta. Ao consultar o fichário em que consta todas as informações dos mortais, ela descobre tratar-se de um certo violoncelista, um homem que estaria completando cinquenta anos de idade naquele mesmo dia, mas nos arquivos constava que ele deveria ter morrido há dois dias, ou seja, aos quarenta e nove anos de idade. Essa informação deixa a morte aflita e sentindo-se derrotada em seu próprio jogo, o que lhe rende alguns deboches do narrador. Sem saber como iria contornar esse problema, ela decide ir até a casa do homem e investigar quais truques usou para conseguir tamanha façanha. Porém, percebendo que não havia nada de especial no violoncelista que pudesse justificar o ocorrido, ela constata que o problema se deu, devido a uma falha em seu sistema de entregas, pois o homem não tinha o hábito de ler a correspondência e por isso não estava sendo considerado intimado acerca de sua morte.

Nessa parte de *As intermitências da morte*, fica evidente a relação simbólica que existe entre o romance do escritor português e o mito de Sísifo, pois, conforme a mitologia grega, Sísifo conseguiu livrar-se da morte por duas vezes, sendo a primeira, quando prendeu Tânatos o deus da morte e evitou sua própria execução durante algum tempo. Na segunda vez, ele consegue enganar o deus do submundo e retornar ao mundo dos vivos onde teve uma vida longa, contrariando a vontade dos deuses. Já no romance em análise, encontramos o personagem que é nomeado apenas como “violoncelista”, entretanto, esse personagem evita sua pena de morte de forma inocente e despreziosa, sem se dar conta do feito. Nisso, ele difere-se do personagem grego, pois segundo o enredo do *mito não deslocado*, Sísifo era um homem astuto que conscientemente rebelou-se contra a vontade dos deuses e foi capaz de suplantar o julgamento dessas divindades por muito tempo.

Uma outra relação que podemos constatar entre o romance e o mito em análise, acontece quando a personagem “morte” cria um plano ousado para se aproximar do violoncelista e entregar a carta de cor violeta pessoalmente. O texto relata que a morte, em sua forma esquelética, entra numa sala de seus aposentos e retorna depois de algum tempo. No entanto, ao retornar, a morte estava transformada em uma bela mulher, de aproximadamente trinta e seis anos de idade. Desta forma, ela esperava que seria mais fácil seduzir o homem e entregar-lhe a sentença de morte em suas próprias mãos, evitando que o mesmo tivesse qualquer chance de esquivar-se da notificação.

De acordo com o enredo do romance, o violoncelista era integrante da orquestra sinfônica nacional que estava com apresentação marcada em um teatro local. Sabendo disso, a senhora morte reserva um camarote ao lado direito do palco, de modo que ficasse em frente ao músico onde seria possível manter o contato visual durante a apresentação. Inicia-se o evento e:

(...) o violoncelista começa a tocar o seu solo como se só para isso tivesse nascido. Não sabe que aquela mulher do camarote guarda na sua recém-

estreada malinha de mão uma carta de cor violeta de que ele é destinatário, não o sabe, não poderia sabê-lo, e apesar disso toca como se estivesse a despedir-se do mundo [...] Os outros músicos olham-no com assombro, o maestro com surpresa e respeito, o público suspira, estremece, o véu de piedade que nublava o olhar agudo da águia é agora uma lágrima. SARAMAGO (2005, p. 192).

A transcrição fidedigna dessa passagem do romance é indispensável em nossa análise, pois descreve o momento exato em que a morte sente empatia pelo violoncelista através da música e, devido a isso, recua em seu objetivo de entregar-lhe a carta.

Mediante o que foi exposto, percebemos que esse acontecimento tem relação simbólica com o mito de Sísifo, pois segundo a narrativa mitológica, Zeus envia Tânatos para matar Sísifo, mas esse, sendo muito astuto, consegue prender o deus da morte com correntes mágicas evitando a punição divina por algum tempo. Saindo de um elemento físico (correntes) para um elemento artístico (música), podemos conjecturar que as narrativas do romance e do mito grego se relacionam através do processo de deslocamento explicado por Frye (1973), pois, tanto Sísifo quanto o violoncelista, conseguem impedir a ação de seus carrascos através de elementos distintos, porém com igual poder simbólico de dissuasão.

Sabemos que a música tem o poder de agir sobre as sensações humanas de maneira que pode despertar ou potencializar os sentimentos mais primitivos que um mortal consegue sentir. Na narrativa bíblica, o livro de 1 Samuel descreve que o rei Saul era frequentemente atormentado por um espírito mal, mas quando isso acontecia, o jovem Davi tocava sua arpa para que o espírito se retirasse e, em pouco tempo, o homem se sentia bem. Já em “A náusea”, Jean Paul Sartre apresenta-nos o personagem Antoine Roquentin que sofre de um constante mal-estar provocado por seus próprios sentimentos a respeito de sua existência, mas ao escutar a canção *Some of These Days*, ele experimenta um estado de relaxamento quase místico que muda seu jeito de enxergar a vida. Assim como esses personagens, vimos que a “morte”, no romance de José Saramago, também se sentiu impotente diante do poder da música que estava sendo tocada pelo violoncelista e por um instante hesitou em entregar-lhe a carta.

Nos dias seguintes ao concerto, a personagem “morte” interagiu algumas vezes com o Violoncelista e todas as vezes lhe faltou coragem para entregar a carta ao músico, até que, no último dia estipulado para a conclusão de seu plano, vai até a casa do homem decidida a entregar-lhe a encomenda, mas antes do desfecho desse momento, pede a ele que toque uma música ao piano. A música escolhida foi “a *suíte número seis*” de Johann Sebastian Bach. Vejamos:

Quando ele terminou, as mãos dela já não estavam frias, as suas ardiavam, por isso foi que as mãos se deram às mãos e não se estranharam. Passava muito da uma hora da madrugada quando o violoncelista perguntou, Quer que chame um táxi para a levar ao hotel, e a mulher respondeu, Não, ficarei contigo, e ofereceu-lhe a boca. Entraram no quarto, despiram-se e o que estava escrito que aconteceria, aconteceu enfim, e outra vez, e outra ainda. (SARAMAGO, 2005, p. 207).

O enredo segue descrevendo que após a consumação da relação, o homem adormeceu, mas a morte não, “*afinal a morte nunca dorme*”, ela levanta-se e vai até a cozinha onde queima a carta que pretendia entregar, depois volta para o quarto e, pela primeira vez, sente sono e adormece. Desta forma, a morte foi vencida por um

mortal, mas não com um objeto físico como uma corrente e sim com a música que mostrou-se uma arma tão poderosa que é capaz de alcançar a alma e fazer até mesmo a morte apaixonar-se pela vida. Assim, o romance *As intermitências da morte* termina com a mesma frase que inicia, “No dia seguinte ninguém morreu” (SARAMAGO, 2005, p. 207).

## 5 CONCLUSÃO

A categoria analítica dos arquétipos literários é um dos ramos da literatura comparada que é pouco explorado nos trabalhos acadêmicos. Visando contribuir com a difusão e ampliação das discussões acerca desta importante área de estudos, bem como explorar a riqueza literária do romance *As Intermitências da morte* que configura-se como uma das principais obras da literatura contemporânea, delimitamos o objeto de estudos desta análise na perspectiva dos arquétipos literários. Para isso, embasamos nossa pesquisa nos pressupostos teóricos de Frye (1973), além de livros, artigos e outros trabalhos acadêmicos que nortearam esta análise.

Com base na análise do corpus e nas discussões realizadas, auferimos alguns resultados que validam a proposta dessa pesquisa, além de problematizar outras indagações que podem ser evidenciadas em outros estudos analíticos. Primeiramente, através dos resultados coletados e das confrontações com outras vozes, ficou demonstrado a aplicabilidade dos conceitos teóricos estabelecidos Frye (1973).

Em *Anatomia da Crítica*, Frye defende que a literatura ocidental comunica-se frequentemente com a mitologia bíblica e grega através de elementos simbólicos que aproximam as narrativas e caracterizam os arquétipos literários. O autor nomeia esse processo de aproximação como “deslocamento”. Nesse contexto, os resultados apresentados acerca do romance *As intermitências da morte*, do escritor português José Saramago, em comparação ao “mito grego de Sísifo”, sob a ótica de Northrop Frye, este estudo rastreou e evidenciou os elementos simbólicos presentes no enredo do romance em análise (*mito deslocado*) que remetem ao mito grego (*mito não deslocado*), validando o objetivo analítico dessa pesquisa.

De acordo com o que foi demonstrado, a obra de Saramago apresenta os seguintes deslocamentos arquetípicos que remetem ao mito grego de Sísifo: no país fictício retratado por Saramago, acontece um evento insólito no qual as pessoas param de morrer durante um tempo, assim como ocorreu no mito grego quando Tânatos foi acorrentado por Sísifo; quando a morte volta a ceifar a vida dos mortais e apresenta-se de forma personificada, comunicando que passará a enviar uma carta de cor violeta com uma semana de antecedência a todos os que estiverem marcados para morrer, a narrativa romanesca apresenta um personagem que consegue evitar a sentença de morte, assim como fez Sísifo, segundo a narrativa grega; por último, de acordo com a narrativa mítica, Sísifo utilizou uma corrente mágica para prender Tânatos e evitar a sentença de morte, já na narrativa romanesca, o violoncelista consegue evitar sua sentença de morte através da música que faz a morte sentir empatia por ele a ponto de apaixonar-se pelo músico e finalmente desistir de tirar sua vida.

A partir dessas constatações, afirmamos que o objetivo de evidenciar a relação arquetípica entre o romance *As intermitências da morte* e o mito grego de Sísifo foi consumado. No entanto, as possibilidades de novos estudos, a partir dessa e de outras categorias analíticas não estão esgotadas, visto que, a obra de José Sara-

mago é relativamente jovem e escrita por um dos mais importantes escritores da literatura contemporânea portuguesa.

## REFERÊNCIAS

**BÍBLIA HEBRAICA**. Tradução de David Gorodovits e Jairo Fridlien. São Paulo: Editora e livraria Sêfer LTDA.

BOYER, Regis. “**Arquétipo**”. In: BRUNEL, Pierre. Dicionário de mitos literários. Brasília: UnB, 1998, p. 89-94.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. 16ª edição. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro, Record, 2009.

CONRADO, Irís Selene. “**As intermitências da morte: perspectiva contemporânea, questionamentos da linguagem e viés universalizante**”. In: O romance e o romance de José Saramago. Assis- SP, UNESP, 2011. P. 202-227.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. São Paulo, Cultrix, 1973.

GRIGOL, Mariana; WEBER, Sabine. **A personificação da morte na obra “As intermitências da morte”, de José Saramago**. Xanxerê, IFSC, 2021.

HOMERO, **Odisséia**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. P. 133.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lucia Helena França Ferraz. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “**Literatura comparada, intertexto e antropofagia**”. In: Flores da escrivinha: ensaios. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

POUND, Ezra. **Abc da literatura**. 11ª edição. Trad. Augusto de Campos e José e José Paulo Paes. Org. e apresent. Augusto de Campos. São Paulo, Cultrix, 2006.

SARAMAGO, José. **As intermitências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **A nausea**. Trad. Antonio Coimbra Martins. Ed. 140633/5207. Publicações Europa-America Ltda.

SOUSA, Willian Lima. **Mito deslocado: o arquétipo de Sodoma e Gomorra nas páginas de O Ateneu**. João Pessoa, UFPB, 2018.

SOUSA, Willian Lima. “**O arquétipo grego em Machado de Assis: a imagem de Sísifo refletida em Pestana em “Um homem Célebre”**”. In: Machado de Assis desce aos infernos. João Pessoa, Ideia, 2009.